

UM  
PEDIDO  
DE  
CASAMENTO

*Adaptação de Tatiana Belinky, para o texto  
PIRÉRIA EM UM ATO,  
de Anton Tchekhov*

## PERSONAGENS

**CORONEL SEBASTIÃO LARANJEIRA**

**SINHARINHA**

**DR. ANACLETO MARMELO**

---

## CENÁRIO / AÇÃO

**Sala de visitas, da casa, na fazenda do Coronel Laranjeira. O Coronel Laranjeira está sentado na sala, lendo um jornal. Batem à porta.**

**CORONEL (Gritando)** – Entre: a porta está aberta, pode entrar! **(Entra o Dr. Anacleto, todo enfarpelado, de paletó, colarinho duro e gravata, muito formal, chapéu à mão, e pára à porta. O Coronel Laranjeira vai-lhe ao encontro, muito expansivo, de braços abertos.)** Mas quem é que eu vejo? Não é que é o meu caro vizinho – Doutor Anacleto Marmelo – em carne e osso! Que agradável surpresa, meu caro! Bem vindo seja, e coisa e tal... **(Aperta-lhe a mão, abraça-o, e dá-lhe batidinhas às costas.)**

**ANACLETO (Formal)** – Grato pelo interesse, Coronel Laranjeira. E o senhor como tem passado?

**CORONEL** – Assim-assim: vamos vivendo, querido amigo, vamos levando, coisa e tal. Mas, sente-se! Sente-se, por obséquio! Pois é isso: não é bom esquecer os vizinhos, viu amigo? Mas, estimadíssimo: por que este ar tão formal, tão

endomingado, colarinho e gravata, e coisa e tal?... Vai para a cidade, meu caro? Alguma visita de cerimônia?

**ANACLETO** – Não: a minha visita é só para o senhor, estimado vizinho.

**CORONEL** – Mas então, para quê esta farpela toda, meu querido, como se fosse uma visita de Ano Novo?...

**ANACLETO** – O assunto é o seguinte, Coronel Laranjeira: **(toma-o pelo braço.)** eu vim aqui, meu caro vizinho, para incomodá-lo com um pedido. Por mais de uma vez já tive oportunidade de me dirigir ao senhor, com um pedido de auxílio, e o senhor, sempre, por assim dizer... mas, desculpe, eu estou emocionado! Vou tomar um gole d'água, com a sua licença, Coronel Laranjeira! **(Volta-se para um aparador com moringa, enche um copo e bebe: nervoso.)**

**CORONEL (À parte)** – Veio pedir dinheiro emprestado! Não dou! **(Para Anacleto.)** E de que se trata, caríssimo?

**ANACLETO** – Veja o senhor, Laranjel Coroneira, perdão: Coronel Laranjeira... é que eu estou muito emocionado, como o senhor pode ver... Em suma: o senhor é a única pessoa que pode me ajudar, embora, naturalmente, eu não mereça... e... não tenha o direito de... de contar com o seu auxílio...

**CORONEL** – Ora: não fique espichando, queridíssimo, fale de uma vez! E então?...

**ANACLETO** – Eu já vou... já vou... nesse instante... **(Expele.)** O caso é que eu vim pedir a mão da sua filha, Dona Sinharinha, em matrimônio!

**CORONEL (Supercontente)** – Queridíssimo Doutor Anacleto! Repita o que acaba de dizer: eu não ouvi direito!

**ANACLETO** – Eu... tenho a honra de pedir...

**CORONEL (Interrompendo)** – Meu caro amigo... estou tão contente e feliz, e coisa e tal! **(Abraça o vizinho, efusivo.)** Eu sempre desejei isto: este foi sempre o meu sonho acalentado... **(Lágrima furtiva.)** Eu sempre lhe quis bem, meu querido, como a um filho... Que Deus lhes dê, a ambos, amor e harmonia e paz, e coisa e tal! E, eu gostaria de... Mas por que estou parado aqui, que nem um poste? Fiquei estuporado de alegria, estuporado de vez! De toda a minha alma... eu... vou chamar a Sinharinha, e coisa e tal.

**ANACLETO (Comovido)** – Meu estimado Coronel Laranjeira: o senhor acha que eu posso contar com a benevolência de Dona Sinharinha?

**CORONEL** – Mas o que é isso, meu caro? Um guapo rapagão destes: e ela vai hesitar? Ela vai ficar encantadíssima e apaixonada, e coisa e tal! Um momento, por favor. **(Sai.)**

**ANACLETO (A sós)** – Que frio!... Estou tremendo todo, como antes de um exame... O principal é tomar a decisão: se ficar pensando muito, vacilando; se falar demais; e esperar pelo ideal de um grande amor acabo não casando nunca... Brrr, que calafrio! Dona Sinharinha é ótima dona-de-casa, educada, não é feia... que mais eu preciso? Mas, esta emoção já está me dando zoeira nos ouvidos!... **(Toma água.)** Mas não casar, isso eu não posso! Preciso levar uma vida regular, metódica e correta! Sou cardíaco, sofro de taquicardia paroxística, sou irascível e estou constantemente nervoso e agitado... Agora mesmo, sinto tremores nos lábios e um tique na pálpebra direita... Mas, o pior de tudo é o sono! Nem bem eu me deito para dormir, e começo a cochilar... Qual o quê? De repente... do lado esquerdo... sinto como que um safanão, que responde com uma fisgada no ombro e outra na cabeça... Levanto-me feito louco, ando de um lado para o outro, deito de novo e

nem começo a adormecer... lá vem o safanão do lado esquerdo! E isto, umas vinte vezes por noite!

**SINHARINHA (Entrando)** – Ora essa: é só o senhor! O meu pai me disse: “vá lá para a sala: chegou um comprador para a nossa mercadoria”. Bom dia, Doutor Anacleto!

**ANACLETO** – Bom dia, estimada Dona Sinharinha!

**SINHARINHA** – Desculpe: eu estou de avental e à caseira! Estava fazendo um bolo... Mas, por que demorou tanto para nos fazer uma visita? Sente-se! (**Sentam-se.**) Aceita um cafezinho?

**ANACLETO** – Não, obrigado: o café me tira o sono!

**SINHARINHA** – Então, não quer fumar? Aqui estão os fósforos... O tempo está esplêndido, mas ontem choveu tanto, que os colonos não trabalharam o dia todo... Só espero que não esfrie demais: senão as plantações sofrem muito... E as suas lavouras, como vão, Doutor Anacleto? (**Reparando.**) Mas, o que é isso? O senhor está de colarinho e gravata! Que novidade! Vai para a cidade, para alguma recepção? Mas, devo dizer que o senhor está muito bem apresentado: bem mesmo!... Realmente, para que toda essa elegância?

**ANACLETO (Nervoso)** – Bem, a senhora... senhorita... minha estimada Dona Sinharinha... Acontece que eu me atrevo a pedir que me ouça... Naturalmente, a senhora vai ficar surpresa, admirada... talvez zangada, mas eu... (**À parte.**) Mas que calafrio!

**SINHARINHA** – Mas do que se trata? (**Pausa.**) E então?

**ANACLETO** – Procurarei ser breve: é do seu conhecimento, estimada Dona Sinharinha, que eu tenho a honra de conhecer a sua família há muito tempo, de fato, desde a

infância. Minha finada tia e o seu marido, dos quais, como a senhora sabe, eu herdei as minhas terras, sempre tiveram o maior respeito pelo Coronel Laranjeira, seu pai, e à sua defunta progenitora! As famílias Marmelo e Laranjeira sempre tiveram um relacionamento dos mais amistosos, e, pode-se dizer até, fraternais. Além disso, como é do seu conhecimento, as minhas terras são limítrofes com as suas. Nossas fazendas são vizinhas. Como vosmecê há de se lembrar, estimada Dona Sinharinha, o meu potreiro verde faz divisa com o seu eucaliptal!

**SINHARINHA** – Perdão se o interrompo: o senhor disse 'o meu' potreiro verde... Mas como é que ele é seu? Ele é nosso!

**ANACLETO** – É meu, Dona Sinharinha!

**SINHARINHA** – Essa agora: o potreiro verde é nosso, e não seu!

**ANACLETO** – Não senhora, estimada Dona Sinharinha: ele é meu!

**SINHARINHA** – Isso, para mim, é novidade. Desde quando ele é seu?

**ANACLETO** – Como assim, desde quando? Estou falando daquele potreiro verde, que penetra em cunha, entre o seu eucaliptal e o Pântano Queimado!

**SINHARINHA** – Pois é esse mesmo: ele é nosso!

**ANACLETO** – Não: vosmecê se engana, estimada Dona Sinharinha. Ele é meu!

**SINHARINHA** – Acorde Doutor Anacleto: há quanto tempo ele ficou sendo seu?

**ANACLETO** – Como há quanto tempo? Desde que eu me conheço por gente, ele sempre foi nosso!

**SINHARINHA** – Isso é que não: tenha paciência!

**ANACLETO** – Isso se pode verificar, pelos documentos, estimada Dona Sinharinha. O potreiro verde, noutros tempos, já esteve em litígio, isto é verdade. Mas agora, todo o mundo sabe que ele é meu. E não há o que discutir! Veja bem: a avó da minha tia entregou este potreiro, em usufruto incondicional, aos colonos do avô do senhor seu pai, em troca dos tijolos que eles coziam para ela. Os colonos do avô do seu pai usufruíram, incondicionalmente, do potreiro verde, durante quarenta anos, e se acostumaram a considerá-lo como lhes pertencendo, mas, depois, quando saiu a legislação...

**SINHARINHA** – Não é bem assim como o senhor relata: tanto o meu avô como o seu bisavô consideravam que a terra deles chegava até o Pântano Queimado – o que significa que o potreiro verde era nosso! O que há aqui, para discutir? Não entendo: que coisa cansativa!

**ANACLETO** – Eu vou lhe mostrar os documentos, Dona Sinharinha!

**SINHARINHA** – Não: o senhor está pilheriando ou zombando de mim... Que surpresa agora: somos donos de uma terra há quase duzentos anos, e, de repente, nos informam que as terras não são nossas! Doutor Anacleto, o senhor me desculpe: mas, simplesmente, não posso crer nos meus ouvidos... Pouco me importa o tal potreiro verde – são uns poucos alqueires, valem uma ninharia -: o que me escandaliza é a injustiça! Diga o que quiser, mas injustiça é uma coisa que eu não tolero!

**ANACLETO** – Deixe-me acabar de falar: ouça-me, pelo amor de Deus! Os colonos do avô do senhor seu pai, como já tive a honra de lhe explicar, coziam tijolos para a avó da minha tia. A avó da minha tia, desejando agradecer-lhe...

**SINHARINHA** – Avô, avó, titia – não estou entendendo nada! O potreiro é nosso, e é só!

**ANACLETO** – É meu!

**SINHARINHA** – É nosso! Pode ficar explicando dois dias, sem parar; pode se enfiar em quinze colarinhos duros, que isso não vai mudar o fato de que o potreiro verde é nosso, nosso e nosso! Não quero o que é seu, mas não tenciono perder o que é meu! Como queira!

**ANACLETO** – Eu, Dona Sinharinha, não preciso do potreiro: estou falando por princípio. Se quiser, muito bem, eu lhe dou o potreiro de presente.

**SINHARINHA** – Eu é que posso dar o potreiro de presente ao senhor, já que ele é meu! Tudo isso é – no mínimo – muito estranho Doutor Anacleto! Até agora, nós o considerávamos um bom vizinho, um amigo: no ano passado até lhe emprestamos a nossa própria debulhadora, em plena colheita, e o senhor nos trata como se fôssemos ciganos. Presenteia-me com a minha própria terra! Desculpe: mas isso não é boa vizinhança! Em minha opinião, isso é até uma audácia, se quiser...

**ANACLETO** – A julgar pelas suas palavras, parece que eu sou um usurpador! Minha senhora: eu nunca me apossei de terras alheias, e não permito que ninguém me acuse de semelhante coisa... **(Vai rápido até a moringa, e bebe água.)** O potreiro verde é meu!

**SINHARINHA** – Não: na verdade, ele é nosso!

**ANACLETO** – É meu!

**SINHARINHA** – Mentira! Eu vou lhe provar... vou lhe mostrar! Hoje mesmo, vou mandar os meus colonos lá, cortar o pasto!

**ANACLETO** – O quê?

**SINHARINHA** – Hoje mesmo os meus homens estarão lá!

**ANACLETO** – Pois eu vou expulsá-los à força!

**SINHARINHA** – Não se atrevera!

**ANACLETO (Agarrando o peito)** – O potreiro verde é meu! É meu: está entendendo? Meu!

**SINHARINHA** – Faça a fineza de não gritar! O senhor pode berrar e sufocar de raiva, na sua própria casa, mas aqui, exijo que se contenha nos limites!

**ANACLETO** – Minha senhora: se não fosse essa palpitação, essa terrível taquicardia; se as minhas veias não ameaçassem estourar, eu falaria com vosmecê de outra maneira! **(Grita.)** O potreiro verde é meu!

**SINHARINHA** – É nosso!

**ANACLETO** – Meu!

**SINHARINHA** – Nosso!

**ANACLETO** – Meu! **(Entra o Coronel Laranjeira, alarmado.)**

**CORONEL** – O que é isso? Por que estão gritando?

**SINHARINHA** – Papai: explique, por favor, a este cavalheiro, a quem pertence o potreiro verde – a nós ou a ele?

**CORONEL (Para Anacleto)** – Estimadíssimo: o potreiro é nosso!

**ANACLETO** – Tenha paciência, Coronel Laranjeira! Como assim: ele é seu? Ao menos o senhor seja razoável! A avó da minha tia entregou o potreiro verde em usufruto temporário e incondicional, aos colonos do avô do senhor. Os colonos usufruíram da terra, durante quarenta anos, e

se acostumaram com ela, como se lhes pertencesse. Mas, quando saiu a legislação...

**CORONEL** – Desculpe preciosíssimo: o senhor esquece que os colonos não pagavam à sua avó, e coisa e tal, justamente porque o potreiro verde estava em litígio, e coisa e tal... mas agora, qualquer cachorro sabe que, justamente, o potreiro verde é nosso! Parece que o senhor não examinou a planta do terreno...

**ANACLETO** – Pois eu vou lhe provar que o potreiro verde é meu!

**CORONEL** – Não vai me provar nada, meu caro!

**ANACLETO** – Vou provar sim!

**CORONEL** – Querido: para que brigar desse jeito? Gritando é que, justamente, não vai provar nada! Eu não cobiço o que lhe pertence, mas também não vou abrir mão do que é meu. A troco de quê? Se chegar a tanto, meu querido, se o senhor quer mesmo impugnar o potreiro, e coisa e tal, eu prefiro dá-lo de presente aos colonos, antes de entregá-lo ao senhor! Assim é que é!

**ANACLETO** – Não estou entendendo. Que direito tem o senhor de doar uma propriedade alheia?

**CORONEL** – Dá licença de eu mesmo decidir o que tenho ou não de doar? Justamente, meu caro jovem: acontece que eu não estou acostumado a que falem comigo em semelhante tom de voz, e coisa e tal. Eu, meu jovem amigo, tenho o dobro da sua idade, e peço a fineza de falar comigo sem agitação, e coisa e tal!

**ANACLETO** – Não! Eu acho que vosmecês me tomam por tolo e zombam de mim! Dizem que a minha terra lhes pertence e ainda querem que eu converse e fale com calma e boas maneiras! Bons vizinhos não agem assim, Coronel

Laranjeira! O senhor não é um vizinho, mas um usurpador – um grileiro!

**CORONEL** – O quê? O que foi que o senhor disse?

**SINHARINHA** – Papai: mande já os homens cortarem o pasto do potreiro verde!

**CORONEL (Para Anacleto)** – O que foi mesmo que o senhor disse cavalheiro?

**SINHARINHA** – O potreiro verde é nosso e não vou cedê-lo: não vou, não vou e não vou!

**ANACLETO** – Isto é o que nós ainda vamos ver! Eu vou lhes mostrar, por via judicial, que ele é meu e me pertence!

**CORONEL** – Por via judicial, é? Pois pode entrar em juízo, meu caro senhor, e coisa e tal! Pode começar! Eu o conheço: o senhor só espera, justamente, uma oportunidade para começar um processo, e coisa e tal! É a sua natureza litigiosa! Toda a sua família era desse tipo: toda ela!

**ANACLETO** – Peço a fineza de não ofender a família! Na família Marmelo, todos eram honrados, e não houve um só, que tivesse sido processado como pródigo, como o seu tio!

**CORONEL** – Pois na sua família Marmelo, eram todos malucos!

**SINHARINHA** – Todos! Todos! Todos!

**CORONEL** – O seu avô bebia como um gambá, e, a sua tia mais nova, justamente, a Dona Catarina, fugiu com um arquiteto, e coisa e tal...

**ANACLETO** – Pois a senhora sua mãe era descadeirada! **(Agarra o peito.)** A fisgada do lado... Minha cabeça... Minha nossa... Água!...

**CORONEL** – E o seu pai era um jogador e um comilão!

**SINHARINHA** – E a sua tia era uma fofqueira enxada!

**ANACLETO** – A minha perna esquerda está amortecida!... E o senhor é um intrigante!... Ai, meu coração! E, não é segredo para ninguém, que, antes das eleições, o senhor suborn... Vejo faíscas diante dos olhos! Onde está o meu chapéu?

**SINHARINHA** – É uma baixeza! Um acinte! Um nojo!

**CORONEL** – E o senhor mesmo é, justamente, um homem venenoso, hipócrita e chicaneiro! É isso mesmo!

**ANACLETO** – O chapéu... Aqui está ele... Meu coração!... Por onde eu saio? A porta, onde está a porta? Ai, que eu estou morrendo!... Acho que é o meu fim... a perna se arrasta... **(Caminha para a porta.)**.

**CORONEL (Ao encalço dele)** – E que seu pé não pise mais a soleira da minha casa!

**SINHARINHA (Ao encalço)** – E entre em juízo! Vá entrando com o processo, vá! Veremos quem pode mais! **(Anacleto sai, cambaleando.)**.

**CORONEL (Anda de um lado para o outro, agitado)** – Com mil demônios!

**SINHARINHA** – Que tal o canalha? E vá a gente, depois disso, acreditar em boa vizinhança!

**CORONEL** – Pulha! Sujeitinho à toa!

**SINHARINHA** – Monstrengo! Apropriou-se da terra alheia e ainda se atreve a discutir!

**CORONEL** – E é esse fantoche, esse, justamente, desavergonhado, que ainda se atreve a fazer propostas, pedidos, e coisa e tal! Que me diz a isso: um pedido?

**SINHARINHA** – Pedido: que pedido?

**CORONEL** – Então: ele veio a fim de lhe apresentar o seu pedido de casamento!

**SINHARINHA** – Um pedido de casamento? A mim? Mas por que não me disse antes? Ahhhh!... Queira fazê-lo voltar!

**CORONEL** – Fazer quem voltar? Quem?

**SINHARINHA** – Depressa: tem que fazê-lo voltar! Depressa! Ai, que ânsia! Voltar, voltar! **(Fica histérica.)**.

**CORONEL** – O que foi? O que é que você tem Sinharinha? **(Põe as mãos na cabeça.)** Sou um desgraçado! Vou me enforcar! Meto um tiro nos miolos! Acabaram com a minha vida!

**SINHARINHA** – Estou morrendo: faça-o voltar!

**CORONEL** – Bolas: já vou! Já vou: pára com esse berreiro! **(Sai correndo.)**.

**SINHARINHA (Sozinha, geme)** – O que foi que nós fizemos?... Ele tem que voltar... voltar...

**CORONEL (Volta correndo)** – Ele já vem e coisa e tal... O diabo que o carregue!... Ufa: fale com ele sozinha, eu é que, justamente, não tenho disposição...

**SINHARINHA (Geme)** – Voltar... ele tem que voltar...

**CORONEL (Grita)** – Ele já vem, eu disse! Oh, que encargo – meu Deus – ser pai de filha solteira! Eu me mato! Eu me mato, sem falta! Insulta-se uma pessoa, agride-se, se expulsa – e é tudo culpa sua, é sua!

**SINHARINHA** – Não é culpa minha: é sua!

**CORONEL** – Pois é: eu sou o culpado, naturalmente! **(Doutor Anacleto aparece na porta.)** Está bem: converse com ele sozinha! **(Sai.)**

**ANACLETO (Entra, exausto)** – Uma taquicardia terrível... a perna amortecida... a fígada do lado...

**SINHARINHA** – Desculpe: nós ficamos um pouco esquentados, Doutor Anacleto!... Agora estou me lembrando: o potreiro verde é seu, mesmo, o senhor tinha razão – ele é seu!

**ANACLETO** – Estou com palpitações... terríveis... O potreiro é meu!... Estou com tiques em ambos os olhos... Ele é meu!...

**SINHARINHA** – É seu sim: o potreiro é seu... Sente-se... **(Os dois sentam-se.)** Papai e eu estávamos errados...

**ANACLETO** – Eu só falei, por princípio... A terra não é cara: caros são os meus princípios...

**SINHARINHA** – Justamente: os princípios!... Tem razão! Vamos falar de outra coisa?

**ANACLETO** – Tanto mais, que eu tenho provas: a avó da minha tia entregou aos colonos do avô do senhor seu pai...

**SINHARINHA** – Basta, basta, chega de falar nisso... **(À parte.)** Não sei por onde começar... **(Para ele.)** O senhor tenciona ir à caça, logo?

**ANACLETO** – Vou caçar perdizes, estimada Dona Sinharinha!... Tenciono começar depois da colheita... Mas, vosmecê já soube? Imagine que desgraça me aconteceu: o meu Fido, que a senhora conhece, começou a mancar.

**SINHARINHA** – Que pena!... Mas, por que foi isso?

**ANACLETO** – Não sei... Decerto torceu a pata, ou os outros cães o morderam... **(Suspira.)** O melhor dos meus

cachorros: já sem falar do dinheiro! Sabe que eu paguei setenta e dois mil réis por ele, ao juiz de paz?

**SINHARINHA** – Pagou demais, Doutor Anacleto!

**ANACLETO** – Pois eu acho que foi até barato: o cachorro é excelente!

**SINHARINHA** – Papai pagou, pelo Rex, cinqüenta e cinco mil réis, e o nosso Rex é bem melhor do que o seu Fido!

**ANACLETO** – O seu Rex melhor que o meu Fido? O que é isso? Imagine: o Rex melhor do que o Fido!

**SINHARINHA** – Claro que é melhor! É verdade que o Rex ainda é novo, ainda não está bem treinado, mas, pela constituição e pelo faro, nem o Dr. Delegado tem um cão melhor...

**ANACLETO** – Com sua licença, Dona Sinharinha, mas está esquecendo que o Rex é prognata: tem sempre uma mordida fraca!

**SINHARINHA** – Prognata? É a primeira vez que ouço uma coisa dessas!

**ANACLETO** – Pois eu lhe asseguro que é verdade: ele tem o maxilar superior mais curto que o inferior...

**SINHARINHA** – Mas o senhor mediu?

**ANACLETO** – Medi! Ele é bom para perseguir caças, realmente, mas quando se trata de agarrar e segurar: tenho minhas dúvidas...

**SINHARINHA** – Em primeiro lugar, o nosso Rex é um cão de raça pura: ele é filho de Nero e Diana; ao passo que o seu cor-de-burro-quando-foge não tem pedigree de espécie alguma... E, além disso, é velho e feio, como uma égua velha...

**ANACLETO** – Fido pode ser velho, mas eu não aceitaria em troca dele, nem cinco dos seus Rex... Que comparação! O Fido é um verdadeiro cão de caça, mas o Rex... é até ridículo discutir... Vira-latas como o seu Rex andam por aí, a dar com o pé!

**SINHARINHA** – O senhor – Doutor Anacleto – está hoje com o demônio da contradição no corpo! Ora inventa que o potreiro verde lhe pertence, ora que o seu Fido é melhor que o nosso Rex... Não gosto quando um homem diz o que não pensa, pois o senhor sabe muitíssimo bem que o Rex é melhor que o seu – esse bobão do Fido! Para que, então, contradizer-me?

**ANACLETO** – Estou percebendo, Dona Sinharinha, que vosmecê acha que eu sou cego, ou tolo! Tente compreender que o seu Rex é prognata!

**SINHARINHA** – Não é verdade.

**ANACLETO** – É prognata!

**SINHARINHA (Grita)** – Não é verdade!

**ANACLETO** – E por que razão está gritando, senhorita?

**SINHARINHA** – E para que o senhor fica falando asneiras? Isto é insuportável! Já está na hora de dar um tiro de misericórdia no seu Fido, e o senhor tem coragem de compará-lo com o Rex!

**ANACLETO** – Desculpe-me: mas não posso continuar com essa discussão. Estou com palpitações.

**SINHARINHA** – Eu bem que já reparei: quem mais discute são os caçadores que menos entendem do riscado!

**ANACLETO** – Minha senhora: suplico-lhe que se cale!... O coração não agüenta isso!... **(Berra.)** Cale-se!

**SINHARINHA** – Não me calarei, até que o senhor admita e confesse que o nosso Rex é cem vezes melhor do que o seu Fido!

**ANACLETO** – Cem vezes pior! Inferior! Ele que vá para o inferno, o seu Rex! Minha cabeça... meu ombro... meu olho... Ele que se arrebente!

**SINHARINHA** – Pois o seu Fido nem tem necessidade de arrebentar, porque já está todo arrebentado!

**ANACLETO (Chora)** – Cale-se! Eu vou ter uma síncope cardíaca!

**SINHARINHA** – Não me calo! **(Entra o Coronel Laranjeira, alarmado.)**.

**CORONEL** – O que foi agora?

**SINHARINHA** – Papai: diga com sinceridade, com a mão na consciência – qual é o cachorro melhor? O nosso Rex ou o dele, o Fido?

**ANACLETO** – Coronel Laranjeira, eu lhe suplico: diga só isso – o seu Rex é prognata ou não é?

**CORONEL** – E se for, o que é que tem? Grande coisa! Em compensação, em toda a região, não existe um cão de caça melhor do que ele, e coisa e tal!

**ANACLETO** – Mas o meu Fido é melhor: diga com franqueza!

**CORONEL** – Não se enerve assim, caríssimo!... Com licença: o seu Fido, justamente, tem todas as boas qualidades – tem pedigree, patas fortes, boa musculatura e coisa e tal! Mas, esse cão, se quer mesmo saber, tem dois defeitos básicos: está velho e tem fôlego curto!

**ANACLETO** – Desculpe: estou com taquicardia... palpitações... Vejamos os fatos: tenha a bondade de se

recordar. Na última caçada, o meu Fido correu orelha com orelha com o Satã, do juiz, enquanto que o seu Rex ficou para trás quase meia milha!

**CORONEL** – Ele se atrasou, porque o peão do juiz lhe deu uma chicotada!

**ANACLETO** – E foi merecido: foi bem feito! Todos os cães perseguem a caça, e o Rex fez o quê? Avança no bode!

**CORONEL** – Não é verdade! Estimadíssimo: eu sou um homem irascível, e, por isso, justamente, peço-lhe que paremos com esta discussão... Ele deu-lhe a chicotada, porque todos têm inveja do cachorro alheio: é isso! São todos uns odientos! E o senhor, cavalheiro, não é melhor do que os outros: assim que percebe, justamente, que algum cão é melhor do que o seu Fido, já começa logo com isso, com aquilo e coisa e tal! Eu me lembro de tudo, sabe?

**ANACLETO** – Pois eu também me lembro!

**CORONEL (Arremedando)** – “Pois eu também me lembro!”... E do que mais lembra o senhor?

**ANACLETO** – Palpitações... a perna adormecida... não agüento mais...

**SINHARINHA (Arremedando)** – “Palpitações”... Que espécie de caçador é o senhor? Devia era ficar na cozinha, perto do fogão, matando baratas, e não sair à caça! Taquicardia...

**CORONEL** – Realmente, que espécie de caçador é o senhor? Com as suas, justamente, palpitações, devia era ficar quieto em casa e não se chacoalhar numa sela. Se ao menos caçasse, mesmo: mas o senhor só sai para discutir e atrapalhar os cães alheios, e coisa e tal! Sou um homem irascível, deixemos essa discussão! O senhor não é – justamente – caçador coisa nenhuma!

**ANACLETO** – E o senhor, por acaso, é um caçador? O senhor só sai para agradar o juiz e fazer intrigas... Ai, meu coração! O senhor é um intrigante!

**CORONEL** – O quê? Eu sou um intrigante? **(Grita.)** Cale a boca!

**ANACLETO** – Intrigante!

**CORONEL** – Moleque! Fedelho!

**ANACLETO** – Bode velho! Ratazana!

**CORONEL** – Cale a boca, senão eu lhe dou um tiro de espingarda, como a uma perdiz vagabunda! Nulidade!

**ANACLETO** – Todos sabem que... Ai, meu coração!... Que a sua defunta mulher dava-lhe surras... Ai, minha perna... a testa... faíscas nos olhos... estou caindo, caindo!

**CORONEL** – E quem manda em você é a sua governanta!

**ANACLETO** – É agora, é agora!... Meu coração estoura!... O ombro se solta do corpo... Onde está meu ombro?... Estou morrendo... **(Desaba na poltrona.)** Um médico... um médico!... **(Desmaia.)**

**CORONEL** – Moleque! Fedelho! Cretino! Estou com náuseas... **(Bebe água.)** Ânrias!...

**SINHARINHA** – Que espécie de caçador é o senhor? Não sabe nem montar a cavalo!... **(Para o pai.)** Papai, o que é que ele tem? Papai olhe! Papai! **(Guincha.)** Doutor Anacleto! Ele morreu!

**CORONEL** – Estou com ânrias, com falta de ar! Ar, ar, ar!...

**SINHARINHA** – Ele morreu! **(Mexe na manga do Doutor Anacleto.)** Doutor Anacleto? Doutor Anacleto? O

que foi que nós fizemos? Ele morreu! Está morto! **(Cai na poltrona.)** Um médico: depressa, um médico!

**CORONEL** – Ufa!... O que é que você tem? O que foi?

**SINHARINHA (Geme)** – Ele está morto! Morto!

**CORONEL** – Quem está morto? **(Olha para o Doutor Anacleto.)** Parece que morreu mesmo! Nossa mãe! Água! Um médico! **(Leva o copo aos lábios do Doutor Anacleto.)** Beba! Não: ele não bebe... quer dizer que morreu e coisa e tal... Desgraçado que sou! Por que não estouro os miolos com uma bala? Por que ainda não me enforquei? O que estou esperando? Uma faca! Uma pistola! Depressa! **(O Doutor Anacleto mexe-se.)** Parece que ele está voltando... tome água... assim!...

**ANACLETO** – Faíscas... névoas!... Onde é que estou?

**CORONEL** – Casem-se de uma vez, e vão para o inferno! Ela concorda! **(Junta as mãos de Sinharinha e Doutor Anacleto.)** Ela está de acordo, e coisa e tal. Dou-lhe a minha bênção, e coisa e tal. Só me deixem em paz!

**ANACLETO (Erguendo-se)** – Hein?... O quê?... Quem?...

**CORONEL** – Ela aceita! Então, beijem-se e... vão para o diabo!

**SINHARINHA (Geme)** – Ele está vivo!... Sim, sim, eu estou de acordo!... Aceito!...

**CORONEL** – Beijem-se!

**ANACLETO** – Hein?... Quem?... **(Beija Sinharinha na testa. Ela fica toda enleada.)** Muito prazer... Perdão, o que é que está acontecendo?... Ah, sim, entendo: meu coração... faíscas nos olhos... Estou feliz, Dona Sinharinha!... **(Beija-lhe a mão.)** Minha perna está dormente...

**SINHARINHA** – Eu... eu também estou feliz...

**CORONEL** – Caiu-me um fardo das costas: ufa!

**SINHARINHA** – Mas, assim mesmo, concorde pelo menos agora: o Fido é pior do que o Rex!

**ANACLETO** – É melhor!

**SINHARINHA** – É pior!

**CORONEL** – Ora vejam: já começa a felicidade conjugal! Champanhe! Champanhe!

**ANACLETO** – Melhor!

**SINHARINHA** – Pior, pior e pior!

**CORONEL (Tentando cobrir-lhe as vozes)** – Champanhe! Cadê o champanhe?

**FIM**